

EUA creem que lobby pró-Boeing deu certo

Na véspera da visita de Obama chegou às mãos de Dilma carta do Senado americano

Denise Chrispim Marin
ENVIADA ESPECIAL / SANTIAGO

Os Estados Unidos acreditam ter começado a virar o jogo favorável à França no processo de compra de caças para a Força Aérea Brasileira (FAB). Na sexta-feira, véspera do encontro entre os presidentes Dilma Rousseff e Barack Obama, os líderes dos dois partidos americanos no Senado enviaram ao governo brasileiro carta conjunta na qual expressaram apoio à venda dos aviões Boeing F-18 Super Hornet.

● **Em 2016**
Barack Obama se despediu ontem do País com a expectativa de voltar ao Brasil para a Copa do Mundo, a Olimpíada e o carnaval. O convite foi feito pelo governador fluminense, Sérgio Cabral.

No texto, democratas e republicanos indicaram que o contrato e a oferta de transferência de tecnologia não sofrerão mudanças posteriores. A informação foi confirmada por duas autoridades do governo americano.

Segundo essas fontes, coube à própria Dilma levantar a questão na conversa com Obama. A presidente introduziu o tema quando abordava a necessidade de os dois países iniciarem um diálogo sobre a modernização do comércio bilateral, adotando uma “visão de futuro”. A compra de caças, explicou Dilma, poderia representar um meio de Brasil e EUA explorarem interesses específicos e construírem uma relação concreta também em transferência de tecnologia e capacitação de recursos humanos.

Na conversa, Obama insistiu com a brasileira na decisão de conceder ao Brasil o mesmo tratamento dado aos principais alia-



‘Excelent’. Obama e Michelle embarcam no Rio rumo ao Chile: assessores fizeram avaliação positiva do encontro com Dilma

dos dos EUA, como Reino Unido e Austrália, nos contratos de venda de aviões de combate e de outros equipamentos militares.

Obama já contava com a carta dos dois líderes no Senado – o democrata Larry Reed e o republicano Mitch McConnell – devidamente entregue ao gabinete de Dilma no dia anterior. “Tomara que esse jogo realmente vire.

É óbvio que as pessoas encarregadas de estudar os três concorrentes consideraram o Super Hornet o melhor”, afirmou, referindo-se ao único dos caças amplamente testado em combate.

Aberto há mais de dez anos, o processo está suspenso – o governo brasileiro alega não haver condições orçamentárias neste ano para a definir a compra.

Em setembro de 2009, em uma surpreendente declaração, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, na véspera da visita oficial do presidente da França, Nicolas Sarkozy, ao Brasil, que as negociações com a francesa Dassault para a compra dos Rafale estavam “avançadas” e que o governo chegaria a um acordo com o país. Com isso,

deu um sinal forte de que o F-18 e o Grippen, da sueca Saab, haviam perdido a disputa.

‘Sucesso’. De acordo com a mesma autoridade americana, o encontro entre os presidentes foi “excelente” e a primeira visita de Obama ao Brasil, “um sucesso”. Em sua avaliação, ambos estabeleceram “uma relação bem definida”, baseada nas convergências, e um jeito próprio de dialogar. Trata-se de algo que Obama e Lula não conseguiram ao longo dos últimos dois anos. Antes, Lula havia mantido bom diálogo com George W. Bush. Porém, a relação mais afinada se deu entre Fernando Henrique Cardoso e Bill Clinton. “O mais importante desse encontro foi notar o claro interesse da presidente Dilma em estabelecer uma relação diferente com os EUA, com base em uma agenda de futuro, na qual a educação e a inovação tecnológica estão no centro do diálogo.”

‘Não posso responder pelo passado’, diz Obama

SANTIAGO

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, não conseguiu motivar a plateia do Centro Cultural da Casa da Moeda com o “emblemático” discurso para a América Latina. A Casa Branca esperava obter uma calorosa aco-

lhida à menção da transição democrática do Chile como um exemplo e tornar esse discurso tão célebre quanto sua fala no Cairo ao mundo árabe, em 2009. A reação foi contrária. Minutos antes, em entrevista ao lado do presidente chileno, Sebastián Piñera, Obama havia se recusa-

do a fazer mea culpa pelo apoio dos Estados Unidos ao golpe de Estado de 1971.

“A história das relações entre os EUA e a América Latina foi, por várias vezes, extremamente pedregosa. Não posso falar por todas as políticas do passado”, desconversou Obama, no pátio do palácio onde o então presidente Salvador Allende foi morto e substituído pelo ditador Augusto Pinochet. “Posso falar das políticas do presente e do futuro.”

O apoio dos EUA a Pinochet

está no topo da agenda política do Chile, motivada pelos 40 anos do golpe. O senador socialista Juan Pablo Letelier afirmou que seria essencial um pedido de desculpas de Obama. Ele é filho de Orlando Letelier, chanceler de Allende assassinado em 1976, no exílio em Washington, por agentes de Pinochet.

Esse não foi o único constrangimento de Obama. Ainda na entrevista, o próprio Piñera o provocou a fazer aprovar no Congresso americano os acordos de

livre comércio firmados com a Colômbia e o Panamá, ainda pendentes. Piñera acentuara o desejo de ver aperfeiçoado o acordo entre Chile e EUA, dos anos 90.

No discurso, Obama admitiu o fato de os EUA terem “criado problemas” na América Latina, com base em “escolhas equivocadas”. Lembrou que países como Brasil e Peru fizeram reformas difíceis, mas necessárias. “Não há mais o estereótipo da região em conflito perpétuo e em um ciclo de pobreza sem fim.” / D.C.M.